

## FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: ESCRITA COLABORATIVA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA INVESTIGATIVA / REFLEXIVA

Maria Charleny de Sousa da Silva <sup>1</sup>  
Mariana de Jesus Freitas <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Refletir sobre a prática docente, pressupõe dialogar acerca da formação inicial e continuada de professores. Haja vista que, os docentes para exercerem a regência possuem como pré-requisito desde a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica em 1996, graduação e/ou pós-graduação, e no exercício da prática docente, surgem desafios os quais, muitos estão relacionados aos saberes didáticos-pedagógicos, ao currículo, às metodologias ativas, ao planejamento, a relação entre os pares, entre professor e aluno, e a questões relacionadas à avaliação. Tais desafios implicam diretamente no processo de ensino e aprendizagens e reverberam nos resultados das avaliações.

Em pesquisas bibliográficas para este artigo, constatou-se que muitos docentes se sentem inseguros ao reger uma sala de aula, e exercer a sua prática pedagógica e muitos deles atribuem esta insegurança a inconsistências em sua formação inicial (PIMENTA, 1997, *APUD* MELO, 2017).

Embora seja um fato conhecido que não se aprende da mesma maneira e que a aprendizagem está relacionada à autonomia dos alunos; à diferenciação da pedagogia e à personalização das aprendizagens, contudo, a escola fechou-se muito dentro de suas paredes. (NÓVOA, 2017).

Ninguém nasce professor, segundo Nóvoa (2017), trata-se de uma construção, o qual requer autoconhecimento. Diante desse cenário como transpor esses desafios?

Pode-se citar, por exemplo, documentos como a Resolução CNE/CP nº 02/2015<sup>3</sup>, com as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum para a Formação Inicial e

---

<sup>1</sup> Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, charlenys@gmail.com;

<sup>2</sup> Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará – UFC, marianadejesusfeitas@gmail.com

<sup>3</sup> Parecer CNE/CP nº 2/2015, aprovado em 9 de junho de 2015 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica. Disponível em:

Continuada de Professores da Educação Básica, a partir das questões educacionais na contemporaneidade e do proposto na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, homologada em 2018.

Porém, os desafios continuam, os professores precisarão desenvolver competências profissionais que os auxiliem no exercício da docência, e que estejam relacionadas com as necessidades educacionais cada vez mais complexas dos educandos.

Dentro da escola o professor é gestor de sua sala, um organizador do conhecimento e para tanto, como já posto, não há como trabalhar sozinho. Por isto, acredita-se na importância da formação continuada de docentes em exercício da função, considerando-se que o professor se constitui no fazer pedagógico. Esse processo é chamado de interformação (VILELA, 2016), pois nos encontros formativos os professores têm a oportunidade de se reencontrarem, dialogar acerca de desafios e possibilidades de mudanças, de trocarem experiências.

E para além da autoformação e da interformação que já não dão mais conta das necessidades formativas dos professores, pois estes sentem a necessidade de participar de forma mais ativa do processo formativo, há outras possibilidades como a escrita colaborativa proposta por autores como Hissa (2019), metodologia que favorece a interatividade, a coletividade e a produção colaborativa.

Este artigo faz parte de uma pesquisa desenvolvida por integrantes da Equipe do 1º ao 5º ano, da Secretaria de Educação de Maracanaú, no Estado do Ceará. Abordar-se-á os mencionados conceitos de forma mais aprofundada, a partir da socialização de uma prática utilizando essa metodologia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com estudo de caso a partir de experiência exitosa da escrita colaborativa, como uma metodologia que propicie uma nova proposta de ensino e aprendizagem, com o intuito de ampliar as possibilidades a partir de ações e reflexões na prática e sobre a prática pedagógica de docentes da rede de educação do Município.

Sob esta perspectiva, objetivamos neste artigo socializar a experiência de escrita colaborativa como forma de fomentar a ação pedagógica de professores do 1º ao 5º ano, da rede pública do Município de Maracanaú.

Para tanto apresentar-se-á nos itens a seguir o percurso metodológico da pesquisa, descrição da prática da escrita colaborativa a partir da experiência de uma professora do Município, haja vista que as demandas de aprendizagens dos discentes, os documentos

normativos da formação inicial e continuada de professores, requerem mudanças de posturas e buscas de possibilidades.

## METODOLOGIA

Para o percurso metodológico adotou-se uma abordagem qualitativa, configurando-se em pesquisa descritiva

Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo. (GODOY, 1995, p. 59).

E para as coletas de dados, utilizou-se estudo bibliográfico a partir das categorias: formação de professores, intercomunicação e escrita colaborativa.

O estudo de caso, com aplicação de questionário ao sujeito da pesquisa, uma professora<sup>4</sup> com 35 anos de idade da rede pública de Maracanaú, ingressa por meio de concurso público desde 2014 e que utilizou a metodologia escrita colaborativa, após um convite da Equipe da Revista Nova Escola. Esse convite surgiu em setembro do ano de 2018, a partir das discussões sobre a BNCC a Fundação Lemann, a Associação Nova Escola e o *Google.org* planejaram uma ação que pudesse potencializar e difundir os princípios da Base entre os professores e consequentemente entre as escolas brasileiras.

Diante desta premissa surgiu o projeto Time de Autores, da Nova Escola, com a missão de construir e publicar planos de aula dos componentes curriculares presentes na BNCC com todas as habilidades presentes em tais componentes, feitos por professores de todo o Brasil e que ficassem disponíveis na plataforma digital da Revista e pudessem ser acessados por qualquer pessoa interessada em qualquer lugar e em qualquer momento.

A professora participou dos encontros de formação continuada, proposta pelo Município desde seu ingresso na rede municipal, demonstrou-se engajada na realização de suas práticas.

Maria (codinome da entrevistada) lecionava em uma escola da Rede que atendia crianças da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. A sua experiência a ser socializada foi desenvolvida nas turmas de 1º ano do ensino fundamental.

A Equipe do 1º ao 5º ano da Secretaria de Educação de Maracanaú, ao tomar conhecimento, conversou com Maria e a convidou para apresentar seu relato; a mesma assinou

---

<sup>4</sup> A identidade da entrevistada foi preservada e recebeu o codinome Maria.

um Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, para posterior relatar sua experiência. Destaca-se que esta pesquisa foi realizada no período de agosto a setembro deste ano, 2019.

Após o aceite, as pesquisadoras elaboraram um roteiro de entrevista contemplando temas pertinentes a sua formação, metodologia de escrita colaborativa e prática docente. Seus relatos estão explicitados no item Resultados e Discussão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação continuada de professores, relacionada a interformação, segundo Vilela (2016, p. 93) citado por Vilela, Morais e Melo (2017, p. 258), é uma formação, na qual “[...] há o contato com outros docentes, uma formação entre os profissionais, que muitas vezes possuem os mesmos questionamentos ou relatam experiências que servem como crescimento profissional para os demais professores”. Diferenciando-se da autoformação, que é um processo de formação individual (MARCELO GARCIA, 1999, APUD IDEM, 2017, p. 258) que pode estar relacionada a formação universitária.

Ainda citando os autores, “[...] é evidente que a universidade vem enfrentando um grande problema de formação [...] muitas vezes [...] docentes licenciados também consideram que a formação na graduação e pós-graduação não garante os saberes didáticos-pedagógicos” (IBDEM, p. 260).

Contudo, relacionada a discussão acima, há o professor que propaga experiência vivenciada no decorrer de sua trajetória acadêmica, sem refletir sobre a mesma. Tardif (2002) chama a atenção para o fato de que, “[...] esse modelo é muito forte e persiste através do tempo e que a formação universitária não consegue transformá-lo nem muito menos abalá-lo”. (P. 20).

Quando indagada acerca de sua formação acadêmica e sua experiência docente, a entrevistada afirma que,

*Amo o que eu faço, já dei aula para adolescentes em conflito com a lei, para crianças em situação de vulnerabilidade social, para bebês em uma creche, para crianças de famílias abastadas em escolas construtivistas, estou agora com crianças de alfabetização oriundas de classes populares e que frequentam a escola pública. Pra mim não tem nada mais gratificante que ver a transformação que podemos gerar na vida das pessoas. (Maria – Entrevistada).*

A fala da entrevistada deixa transparecer a sua identificação com a docência, demonstrando uma postura investigativa, sensível e reflexiva diante das mudanças de público, a necessária habilidade para se comunicar com seus alunos.

Diante do que propõe a legislação vigente, as Resoluções CNE/CP N° 02/2017 e N° 04/2018, constantes, respectivamente, nos Pareceres CNE/CP n° 15/2017 e n° 15/2018 que instituíram e definiram a implementação da BNCC, com citada anteriormente, remete-se a necessidade de associar o preparo do professor ao aprimoramento das práticas pedagógicas,

Os professores terão que desenvolver um conjunto de competências profissionais que os qualifiquem para uma docência sintonizada com as demandas educacionais de uma sociedade cada vez mais complexa, que exige continuar aprendendo e cujas características e desafios foram bem postulados na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) com a qual nosso país se comprometeu. (BRASIL, 2017).

Observa-se a urgência de mudanças na área da Educação. Portanto, concorda-se com Vilela; Morais; Melo (2017, p. 261) quando afirmam que a formação inicial não é suficiente e,

[...] a profissionalização [...] pode ocorrer por meio de ações formativas contínuas, garantindo [...] um processo educativo bem estruturado, contendo fases e objetivos bem definidos, favorecendo uma reflexão sobre os conhecimentos pedagógicos e epistemológicos [...]. Sendo assim, os desafios e complexidades impostos pela sociedade atual também demandam uma formação contínua.

Essa afirmação dos autores vai ao encontro do que a Equipe de formação continuada da secretaria de Educação, de Maracanaú, almeja no sentido de transpor desafios como esses. Por isto, a necessidade de repensar novas práticas que coadunem com afirmações como aquela. A exemplo, pretende-se propor a prática da metodologia de escrita colaborativa, que se trata

[...] de um processo de produção textual que se dá a partir da colaboração de diferentes sujeitos que juntos produzem o mesmo texto. Esses sujeitos cooperam na produção escrita por meio de estratégias de interação (recados escritos, discussão presencial, revisões e correções no texto, etc.) com intuito de construir colaborativamente o texto. (HISSA, 2019, p. 74).

A experiência com a metodologia de escrita colaborativa da entrevistada, Maria, perpassa por motivações pessoais e profissionais iniciou-se o final do mês de setembro do ano de 2018 a equipe organizadora enviou e-mails e publicou no *site* da Revista Nova Escola a relação dos professores autores que foram aprovados no processo. Os aprovados para compor o time receberam e-mails com este texto:

*“Olá! É com muita felicidade que a equipe do projeto Planos de Aula NOVA ESCOLA te dá as boas-vindas ao Time de Autores de História. Foram quase 3.000 inscritos no processo seletivo para compor o grupo que elaborará planos de aula de História entre novembro/2018 e abril/2019. E você é um dos 54 professores selecionados para compor esse Time! Temos certeza de que os próximos meses serão de muita troca, aprendizado, trabalho e parceria. Estaremos ao seu lado durante todo o processo, a começar por agora. Nossa missão é impactar positivamente o ensino de História no Brasil. Vamos juntos? Antes de tudo, pedimos que você confirme a sua participação no Time respondendo a este formulário. O prazo para confirmação da vaga*



*é este domingo (30 de setembro). Fique atento: este passo é obrigatório para darmos início ao seu embarque no Time. Você deve estar curioso para saber o que vem por aí, né? Pois vamos lá. Você vai elaborar planos de aula para o ensino fundamental 1. Entre os dias 31/outubro e 04/novembro de 2018, nos encontraremos pessoalmente num grande evento de formação, chamado Virada de Autores. Ele acontecerá no Vale Suíço Resort, em Itapeva/MG. Já deixe anotado na sua agenda! Muito em breve, enviaremos mais informações sobre a sua viagem, que terá os custos pagos por NOVA ESCOLA, e sobre a agenda da formação. Antes deste encontro, temos um calendário de leituras, formações e atividades online. O cronograma será compartilhado com o Time ainda nesta semana. Desta forma, você já pode ir se preparando. E aí, está animado? Nós estamos! Qualquer dúvida, não deixe de nos escrever. Aproveite também para salvar o número do nosso WhatsApp na sua agenda de contatos: (11) [...]. Vamos nos falar bastante por lá! Um abraço, [...].  
**Equipe Planos de Aula NOVA ESCOLA**”*

(Fonte: E-mail pessoal da professora Maria).

Maria relata que ao receber a confirmação demonstrou-se motivada e feliz pelo êxito na seleção para compor o Time de Autores da Revista Nova Escola. A seguir descrição do processo para composição do referido Time:

- **O processo seletivo para os Times de História e Geografia**

Poderia participar do processo de seleção de professores autores da revista pessoas maiores de 18 anos, com nível superior completo, que atuaram como professores de história e/ou geografia na Educação Básica em algum momento de sua vida laboral, incluindo aqueles que no momento da candidatura não estivessem em sala de aula, mesmo que a proposta deste projeto circulasse em torno da possibilidade de dar voz ao professor e possibilitar que professores produzam material de aula para outros professores, neste ponto o processo pode ser considerado democrático, pois possibilitou que uma gama maior de profissionais da educação que tivessem interesse pudessem participar.

Embora a seleção e o processo de formação e criação do time de história e geografia tenham ocorrido simultaneamente, cada profissional deveria realizar uma candidatura de cada vez, caso se interessasse em participar de ambos processos de seleção, sabendo de antemão que caso fosse aprovado para participar de ambos os times deveria optar por apenas um deles.

Os interessados em participar da seleção deveriam se candidatar via plataforma da Associação Nova Escola no período entre 06 de agosto de 2018 a 03 de setembro do mesmo ano. O processo de candidatura compreendeu quatro fases consecutivas, complementares e não eliminatórias. Cada candidato seria julgado pelo conjunto da obra que produzisse.

As fases foram as seguintes: 1ª) preenchimento de dados cadastrais (nome, gênero, faixa etária, endereço, CPF, ocupação atual, experiência profissional e os anos de preferência para a produção dos planos); 2ª) realização de teste com questões dissertativas e de múltipla escolha

sobre a área escolhida (história ou geografia); 3ª elaboração de um plano de aula de acordo com os direcionamentos da Nova Escola, atendo-se para o fato de produzir um material que fosse totalmente inédito, pois nesta fase, caso fosse detectado plágio o candidato seria automaticamente desclassificado; 4ª escrita de um texto explicitando as intenções e refletindo sobre o impacto da candidatura.

Após preencher as etapas do processo seletivo cabia ao candidato aguardar o contato da equipe organizadora do processo comunicando sobre o aceite de sua candidatura.

- **Entrar para o time de autores**

Ao final do mês de setembro do ano de 2018 a equipe organizadora enviou *e-mails* e publicou no *site* da Revista Nova Escola a relação dos professores autores que foram aprovados no processo. Os aprovados para compor o time receberam e-mails como já mencionado:

*Lembro-me de estar no carro de umas amigas voltando para casa depois de um dia exaustivo no trabalho, olhei o celular para relaxar um pouco e vi que havia recebido um e-mail dos planos de aula da nova escola, mal pude acreditar no que lia... Li uma primeira vez silenciosamente e depois disse: 'gente olha isso aqui!'. Li pra elas e todas nós vibramos muito, mas nenhuma tinha ideia do que isso significaria realmente. (Fala da professora Maria – Entrevistada).*

Após o aceite da candidatura o processo de produção começou. Cada professor autor teve que responder questionários e participar de grupos de trocas de experiências via whatsapp, além de diariamente checar sua caixa de mensagens para não perder nenhuma nova orientação da equipe organizadora do processo.

- **O Time**

O sujeito desta pesquisa participou do time de professores autores do componente curricular História produzindo material para turma de primeiro ano do Ensino Fundamental.

Seu time de professores autores era composto por seis professoras e uma Mentora, que num período de um mês trabalharam de forma remota até poderem se conhecer no início de novembro no evento conhecido como Virada de Autores. No time havia a professora Maria (sujeito desta pesquisa) que mora em Fortaleza e trabalha em Maracanaú; uma professora de Salvador - Bahia; outra de São Bernardo do Campo – São Paulo; outra de Petrópolis – Rio de Janeiro; outra ainda de Campina Grande – Paraíba; e uma professora que embora fosse brasileira natural de Sorocaba – São Paulo vivia a certo tempo na Holanda e já havia participado do Time de Autores da Educação Infantil. Havia ainda a mentora, professora experiente, atuante na Educação Infantil e Movimentos Sociais da cidade de Ijuí – Rio Grande do Sul.

Quando recebeu o aceite para participar do Time de Autores Maria ministrava aulas para turmas de primeiro e segundo ano – alfabetização. Era responsável diretamente pelos

componentes curriculares de Matemática e Ciências da Natureza, ainda que, sendo pedagoga transitava quando necessário pelos demais componentes.

- **O Plano de Ação**

Após o conhecimento do resultado positivo cada professor autor recebeu uma ou duas habilidades da BNCC voltadas para seu ano de interesse, no caso da professora objeto desta pesquisa foi o primeiro ano do Ensino Fundamental, e teria como objetivo traçar um plano de ação que contemplasse a execução de dez planos de aula ao final de um período específico.

Maria teve um prazo de aproximadamente um mês para produzir seu plano de ação que contou com dez planos de aula sobre a habilidade EF01HI06 - Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços, da BNCC.

A partir deste ponto o processo se tornou requereu mais autonomia e espírito investigativo por parte do professor, pois estas informações já não eram mais enviadas para o e-mail pessoal de cada professor autor, pois estavam dispostas em uma planilha de produção disposta em um arquivo do *google drive*.

Neste ponto nos cabe uma análise dos novos processos de gestão de pessoas, pois o trabalho remoto era vital para o sucesso deste projeto e a forma mais rápida eficaz que temos na atualidade para garantir um trabalho que envolva muitas pessoas que não estão presentes fisicamente é a internet e seus componentes. Para tanto, é do conhecimento de todos que o acesso a estas ferramentas ainda não alcançou a amplitude necessária e muitos professores não se sentem à vontade para lidar com elas. Pensando nisso, a equipe da Nova Escola, proporcionou dois minicursos (*hangouts*) antes do processo de construção do plano de ação. O primeiro foi promovido pelo Assessor dos Planos de Aula de História, e explicava minuciosamente a estrutura de produção e formatação dos planos de aula, tanto para as séries iniciais, quanto para as séries finais do Ensino Fundamental. O segundo minicurso introdutório foi promovido pela própria equipe da revista e tratava das questões práticas do uso das ferramentas do Google Drive. Em situações novas umas das funções que se espera de um grupo que gerencia um processo é que este dê formação necessária ao grupo de liderados, desta forma minimizam-se os possíveis ruídos de informação, e se passa a segurança necessária para que o grupo siga em frente detendo uma informação comum.

Em posse dos treinamentos necessários para o momento Maria produziu sua planilha que foi dividida em duas temáticas: a família e a escola, destinando cinco planos de aula para cada uma destas temáticas.



*Não sabia muito bem o que fazer, quais subtemas seriam interessantes, e quais seriam poderiam ser considerados banais, obsoletos ou até preconceituosos. Falar de família é sempre muito complicado né? Mas fui planejando pensando na minha sala de aula nas coisas que gostaria de falar para os meus alunos e foi dando certo.*

Após o planejamento da unidade, como foi chamado o plano de ação acerca da habilidade supracitada, este foi submetido à apreciação da equipe multidisciplinar que acompanhava o processo de produção dos planos de aula. E a devolutiva seria dada no evento conhecido por Virada de Autores.

- **A Virada de Autores**

Este evento ocorreu em um Hotel em Minas Gerais entre os dias 31 de outubro e 04 de novembro de 2018 e reuniu toda a equipe de produção e organização da Nova Escola, assessores das áreas de história e geografia, mentores e um grupo de aproximadamente 100 professores divididos entre os componentes curriculares de história e geografia.

*Foi um momento único na minha vida, nunca havia passado por um processo formativo tão respeitoso. Antes de irmos para a Virada preenchemos um questionário que pedia informações sobre o que comíamos (comida vegana, vegetariana, kasher, low carb, sem lactose) enfim achei muito respeitoso uma equipe se preocupar com o que as pessoas comem, isso é uma forma de inclusão, afinal para quem é adepto ou precisa fazer uma das dietas acima, isso pode ser um fator de impedimento à participação. Para mim foi bom, como de tudo!*

A professora se remete ao fato de que, a equipe demonstrou-se sensível a questões até mesmo familiares dos componentes do Time de Autores, como:

*Outra coisa que gostaria de dizer e que achei muito positivo foi que estavam abertos para receber mães com seus bebês, ora em um mundo onde mais da metade das mães são demitidas após o retorno da licença maternidade, ou que não são acolhidas após essa vivência, permitir que seus filhos as acompanhassem é extremamente revolucionário. Não levei meus filhos, pois eles já eram grandes, mas foi reconfortante perceber que havia esta abertura.*

Maria nasceu em São Paulo, mas há 17 anos vive em Fortaleza e para ela sair se sua cidade e participar de uma formação tão distante de casa e por tantos dias foi algo extremamente inovador e prazeroso.

O evento programado para acontecer em cinco dias foi dividido em dois momentos, no primeiro (dias 31/10/18 e 01/11/18) apenas os mentores participaram juntamente com a equipe de organização da Associação Nova Escola e assessores de área. O time de professores autores chegou ao Hotel a partir do início da tarde do dia primeiro de novembro, mas iniciaria sua formação apenas no dia seguinte.

*Era tudo lindo, maravilhoso. Quando saímos do aeroporto de Guarulhos pegamos uma vã que nos levaria direto para o hotel, nunca havia andado por*

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

*aquele caminho, tanto verde! Um verde diferente do que a gente vê aqui no Ceará sabe?! Muito lindo mesmo. Lá no Hotel tudo era extremamente interessante, a paisagem de cair o queixo, as pessoas extremamente gentis. Me senti valorizada profissionalmente. Cheguei até a comentar com uma colega: 'Olha a importância da Educação: ela nos leva à lugares que nunca imaginamos estar!'*

Antes do jantar de boas-vindas houve um momento de apresentação das pessoas envolvidas e do trabalho que seria realizado nos dias subsequentes. Foram apresentados os acordos coletivos, as regras de convivência e os horários de produção. Todas as informações de maneira clara, concisa, objetiva e respeitosa, segundo a descrição de Maria.

*Trabalhamos e estudamos muito durante a Virada, não era porque a gente estava em um Resort maravilhoso que nos foi amenizado algo. Tínhamos uma rotina que iniciava às oito horas da manhã e se estendia até às seis, seis e meia da noite. Tínhamos pausas para o lanche e o almoço, mas tudo muito breve. Foi um processo de muito crescimento pessoal e profissional. Gostei demais de ter participado, e ao mesmo tempo que o ritmo foi intenso, tudo nos foi passado de forma muito leve. Não me senti pressionada em nenhum momento.*

Durante a Virada de autores a professora sujeito desta pesquisa participou de palestras sobre comunicação não violenta e a importância do feedback para o processo criativo; além de workshops sobre a ascendência indígena e africana do povo brasileiro culminando com a vivência de jogos destas duas matrizes; momentos de assistência individual com a mentora; e momentos de produção coletivos com o grupo do primeiro ano.

- **O processo de criação**

Na tarde do primeiro dia de formação (02 de novembro) cada professor autor reuniu-se com seu mentor sob a supervisão do assessor pedagógico para debater o plano de ação construído antes do momento presencial. Este era o momento destinado para aperfeiçoar os detalhes e alinhar as posturas.

Havia forte preocupação com a qualidade dos planos que seriam produzidos pelo Time de Autores, afinal, eles ficariam à disposição de todos para utilização e análise. Cada plano deveria estar alinhado às tendências da nova Base e suas exigências quanto a formação do sujeito integral, atendo-se para as competências socioemocionais; para a importância da brincadeira nas séries iniciais, sobretudo no ciclo de alfabetização; além de garantir que os assuntos tratados nos planos de aula não carregassem marcas de visões unilaterais e preconceituosas.

*Lembro que fui para o encontro com minha mentora e o assessor estava lá também. Fiquei tão ansiosa. Mas aprendi que na vida se somos donos da nossa verdade devemos lutar por ela. Estava confiante naquilo que produzi, sabia que não tinha feito qualquer coisa só pra me livrar, sabe?! Coloquei*

*minha alma naquele planejamento, sabia que iria receber críticas, afinal não somos perfeitos, mas também sabia que minhas ideias eram possíveis de serem executadas, afinal me baseei na minha sala de aula. (Fala da professora Maria).*

Alguns dos planos propostos por Maria precisaram de ajustes estruturais, mas como bem salienta na fala acima, ela não estava disposta a mudar radicalmente suas produções por acreditar nelas, debateu com a mentora e defendeu o que acreditava. Havia uma preocupação muito grande para que os planos de aula de história obedecessem a certa forma de organização que contemplasse uma metodologia que está em voga para o ensino de história, além de ser preconizada pela BNCC.

Esta metodologia ainda não era totalmente compreendida por Maria pois, como demonstrou em alguns momentos durante a pesquisa, há uma tendência muito forte, principalmente em turmas do ciclo de alfabetização, em priorizar certos componentes curriculares em detrimento de outros.

*Acho que ainda não saímos daquela coisa de que se o aluno está na alfabetização ele só pode aprender a ler e a escrever. E acaba o Português tomando conta de tudo! Depois que o município colocou duas professoras na sala de aula vemos que a matemática tem ganhado um pouco de espaço, mas as outras disciplinas, coitadas. Raramente conseguimos dar aulas de ciências, história ou geografia, por exemplo. Não me sinto confortável com isso, sendo professora, mas também não conseguia fazer diferente. Por isso com os planos da Nova Escola acho que vai ficar mais fácil, né?! Porque já tá tudo pronto pra aplicar. O professor não perde tempo planejando para estas outras disciplinas. (Fala da professora Maria).*

Este projeto da Associação Nova Escola, pode ser considerado inovador, neste aspecto, pois auxilia como base em ferramentas simples ao professor que está em sala de aula e se vê angustiado por não conseguir dar conta da demanda que lhe foi imposta.

Este fato remete-se a concepção de que “[...] o professor não deve ensinar somente o quê, a natureza de uma coisa, mas também como, quando, onde e por que fazer uma coisa”. (GAUTHIER; BISSONNETTE, RICHARD, 2014, p. 170). Percebe-se que é necessário considerar as diferentes formas de aprender, haja vista, contribuir com o processo de ensino e a qualidade do mesmo.

Cada plano de aula era composto por cinco slides e cada um deles deveria conter orientações para os professores que iriam aplicar aquele plano. O slide seria projetado para os alunos e deveria conter imagens, palavras e frases curtas, pois eram direcionados para um público que ainda estava compreendendo o processo de leitura e escrita. Já as orientações ao professor deveriam ser minuciosas e dar conta do maior número de realidades possível.

Levando em consideração que era algo planejado para que qualquer pessoa no Brasil ou fora dele pudessem utilizar.

Basicamente cada plano se organizava assim: o primeiro slide não necessitaria ser exibido ao aluno, nele se encontram as informações sobre a habilidade e competência a qual este plano contempla, nas orientações ao professores havia um breve resumo do que as crianças aprenderiam na aula, quais assuntos seriam debatidos, além de sugestões para o aprofundamento do professor sobre o conteúdo da aula; na segunda lâmina é exposto o objetivo da aula que deve ser explicado para os alunos, a equipe acredita que é de grande importância para a criança (mesmo que ela seja pequena) saber o que se pretende aprender na aula do dia, acreditam que isso torna a criança mais participativa e menos ansiosa; em seguida seguem-se três slides com a estrutura da aula (um para a contextualização/ apresentação do objeto de estudo, outro para a problematização/ construção de conceitos acerca deste objeto, e o último versa sobre a sistematização/ avaliação/ síntese dos conteúdos estudados nesta aula.

Há sempre a premissa de que o estudante deve ser visto com sujeito ativo de sua aprendizagem e produtor de conhecimento, para tanto, em cada aula essa criança deveria ser exposta a um objeto de conhecimento e poder debater sobre ele, construir algo a partir de seus conhecimentos e apresentar o que aprendeu dialogando com seus pares. O conteúdo aprendido desta forma necessita de metodologias ativas e a consideração da possibilidade da aprendizagem por pares a partir da resolução de problemas que lhes sejam significativos.

As orientações ao professor nos planos para o ciclo de alfabetização era o coração do plano, pois nem sempre o que estava no slide era de extrema relevância para a aula, pelo menos, esta foi a proposta da professora Maria.

*Eu sei da nossa realidade, sei que nem sempre temos projetores a nossa disposição, não queria que isso fosse um motivo que impedisse os professores de utilizarem meus planos. Queria que eles pudessem usar [o plano] em qualquer condição, mesmo sem internet ou projetor. Busquei ideias simples, mas que sabia que iam funcionar, como poucos materiais, mas que ajudassem a aula a ficar legal, leve e que as crianças pudessem aprender de verdade.*

Os autores possuíam um cronograma de produção que funcionava da seguinte forma: durante uma semana cada professor autor produzia seus slides (seu plano) com orientações e sugestões de pesquisa, ele teria entre três e quatro dias para produzir o plano e deveria encaminhá-lo a seu mentor, para que este revisasse e devolvesse para possíveis ajustes. Todo este processo não poderia ultrapassar uma semana. A cada três planos concluídos, estes iam para a revisão pedagógica, que analisava a consistência das informações transmitidas em cada plano e a pertinência pedagógica e o alinhamento à proposta do projeto. Caso houvesse alguma

inconsistência o plano retornava para que o autor juntamente com seu mentor, providenciassem as alterações necessárias. E se o plano fosse considerado aprovado pela equipe de revisão pedagógica seguia para a revisão ortográfica e de formatação. Quando o plano fosse revisado e aprovado em todas estas esferas ele seria publicado do site da revista.

- **Do processo de criação**

Todo este processo de produção se baseou na escrita colaborativa para a produção de material didático. Esta experiência foi extremamente significativa para a formação dos professores envolvidos no processo, pois houve aprendizado significativo sobre a metodologia para o ensino de história, além da flexibilização do pensamento para a produção escrita de caráter multimodal, uma vez que cada plano utilizou múltiplas modalidades de linguagem (texto escrito, vídeo, imagem, desenho, gráficos, tabela, fluxogramas, *charges*, *memes*, e estão disponíveis em uma plataforma que é digital).

*Aprendi muito sendo autora. Me senti parte do processo, valorizada. A partir desta experiência percebi que posso ser sujeito da minha aprendizagem, não preciso receber tudo pronto das editoras e da Secretaria [de Educação]. Posso buscar coisas novas e mostrar para os professores que são iguais a mim. Descobri que temos na mão esse poder de criar. Que podemos nos juntar e produzir coisas maravilhosas que atende nossos anseios de sala, sem ter que esperar por mais ninguém.*

A professora Maria teve acesso ao processo de criação, que mesmo não observando todo o rigor científico, por se tratar de material didático para uso em turmas de alfabetização, foi extremamente criterioso e nem sempre produzir é tarefa fácil.

Durante o processo Maria relata que se sentiu exausta, que em muitos momentos pensou em desistir e que a cada crítica que seus planos recebiam, ela tinha a impressão de que não estavam bons o suficiente e que talvez este processo “não fosse pra ela”. Todo este “carrossel de emoções” faz parte do processo de produção escrita, seja ele acadêmico ou não. Porém dar voz e vez a estes professores e colocá-los em uma posição de protagonistas é sem sombra de dúvida algo inovador e muito rico.

- **Resultados**

Atualmente a professora Maria não se encontra mais em sala de aula, em fevereiro de 2019 ela foi convidada pela coordenadora do setor de desenvolvimento curricular das séries iniciais de seu município para compor a equipe de formadores de professores da Educação Básica. Ela é responsável pelas formações de professores lotados em turmas de 4º e 5º ano e que lecionam Matemática e Ciências.

*Foi um desafio pra mim, sem dúvida. Quando recebi o convite, não sabia se deveria aceitar. Fui conversar com minhas amigas, aquelas do carro, e todas elas me apoiaram a aceitar o convite. Dentro de mim havia duas vozes: uma*

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



*que dizia 'vai lá você pode, você consegue' o outra que dizia "ih não sei não, por que será que estão te chamando, será que não tem nada por detrás deste convite hein". No final resolvi ouvir as vozes que me pediam pra aceitar o convite. No começo foi bem difícil, não tinha lá muito experiência com estas séries, mas o processo de escrita colaborativa que vivenciei me deu suporte para poder gerenciar este novo desafio. Hoje me sinto uma nova professora, mais dinâmica e aberta às novidades. Cresci muito com esta experiência.*

Percebe-se que o processo de ampliação da autonomia do professor é possível de que rende muito resultados. Que esta prática, de dar voz e vez aos professores para que se tornem sujeitos ativos no processo de aprendizagem, afinal de contas não se nasce professor, mas se aprende a sê-lo, possa se tornar cada vez mais recorrente nas formações de professores de todo o Brasil, seja ela inicial ou continuada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi socializar a experiência de escrita colaborativa como forma de fomentar a ação pedagógica de professores do 1º ao 5º ano, da rede pública do Município de Maracanaú. Esse objetivo proporcionou uma discussão teórica e metodológica necessária para a compreensão do processo no qual se deu a metodologia escrita colaborativa.

Percebeu-se que a formação continuada, por meio desta proposta poderá propiciar transformações necessárias na ação docente, especialmente, no que se refere ao trabalho colaborativo.

Acredita-se que a motivação é fator preponderante, para que haja o envolvimento, como houve o da professora Maria no citado processo, a fim de, se necessário, modificar a sua prática pedagógica, as quais refletem consideravelmente na aprendizagem dos discentes, bem como, no processo avaliativo dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 18 set 2019.

GAUTHIER, Clermont; BISSONNETTE, Steve; RICHARD, Mario. Ensino Explícito e desempenho dos alunos: a gestão dos aprendizados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

HISSA, Débora Liberato Arruda. **Multiletramentos e materiais didáticos**. Especialização em Alfabetização e Multiletramentos. Fortaleza. Ed. UECE. 1ª edição. 2019.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2017.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores** – saberes da docência e identidade do professor. Nuances, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1997.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VILELA, N. S. Docência universitária: um estudo sobre a experiência da Universidade Federal de Uberlândia na formação de seus professores. 2016. 133 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

VILELA, N. S.; MORAIS, S. J. O.; MELO, G. F. **Pedagogia Universitária**: contribuições de ações formativas para a profissionalização docente. R. Transmutare, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 257-271, jul./dez. 2017. Disponível em: Acesso em: 30 set 2019.